

## Como democratizar a IA

*Ascensão da IA é uma faca de dois gumes: a tecnologia pode ser um equalizador poderoso ou uma fonte de divisão, dependendo de como é implementada e de quem a controla*

*Por Bertrand Badré e Charles Gorintin*

*Valor, 14/02/2024*

O avanço acelerado da Inteligência Artificial inspira tanto admiração quanto pavor. Muitos veem a IA como objeto de maravilha e admiração (um Stupor Mundi, para usar uma frase em latim), enquanto outros acreditam que ela possa ser um salvador benevolente (um Salvator Mundi). Independentemente de a IA ser vista como milagrosa ou só útil, a questão permanece: como podemos garantir que seus benefícios estejam disponíveis para todos?

Para responder a essa pergunta, precisamos de uma compreensão diferenciada da IA. Isso significa rejeitar várias narrativas simplistas: o funcionalismo, que diz que os seres humanos devem se adaptar e se aprimorar para acompanhar o progresso tecnológico; o sensacionalismo, que retrata a IA como uma ameaça existencial; o cinismo, que busca explorar a IA para obter lucro; e o fatalismo, que implica uma aceitação resignada da ascensão inevitável da IA.

O que esses cenários ignoram é que o futuro ainda é nosso e está aberto a definições. Adotar o princípio verum-factum - conhecer por meio da criação - é crucial para desenvolver uma compreensão mais profunda das capacidades e implicações da IA.

Para evitar que uma minoria coopte o potencial transformador da IA, ela deve ser democratizada. O acesso igualitário é a chave para garantir que os benefícios do progresso tecnológico sejam amplamente compartilhados e que a IA sirva como força unificadora, em vez de exacerbar as divisões dentro de nossas sociedades frágeis.

A conversa global sobre IA deve migrar do “uau” para “o quê” e “como”. É hora de se afastar do mero encantamento pela tecnologia para identificar os desafios que ela pode enfrentar e elaborar estratégias para sua integração nos sistemas educacionais e sociais dos países

Os benefícios potenciais são imensos. Na década de 1990, Joseph Stiglitz notou que “uma criança em qualquer lugar do mundo com acesso à internet tem acesso a mais conhecimento do que uma criança nas melhores escolas dos países industrializados há um quarto de século”. Ao democratizar o acesso à IA, podemos capacitar as crianças de hoje a se envolverem com

as mentes mais brilhantes da humanidade de uma maneira que atenda às necessidades individuais dos pequenos.

Contudo, conseguir isso depende de como moldamos a narrativa em torno da adoção e do impacto futuro da IA. Em vez de fazer promessas grandiosas como “a IA vai resolver a fome no mundo”, devemos nos concentrar em sua capacidade de trazer melhorias incrementais, mas significativas, na vida diária das pessoas.

Nesse sentido, os recursos em rápida expansão e os custos em declínio da tecnologia criam novas oportunidades para modelos de menor escala e permitem que usuários individuais personalizem soluções de IA, espelhando os primórdios criativos e livres da Internet. Há apenas dois anos, por exemplo, o principal modelo de IA de código aberto era o OPT-175B da Meta. Hoje, um dos modelos mais populares de código aberto, o Mistral 7B, é 40 vezes menor, pelo menos 40 vezes mais barato de operar e supera seu antecessor. Surpreendentemente, ele foi desenvolvido por uma empresa com apenas 18 pessoas.

E isso é só o começo. A IA está hoje experimentando sua própria versão da lei de Moore, preparando o terreno para uma rápida aceitação, semelhante à difusão de telefones e televisores.

Esse processo acelerado exige mudar o foco para o desenvolvimento de aplicações práticas e mitigação de riscos, em vez de se fixar na redução de custos.

A ascensão da IA é uma faca de dois gumes. A tecnologia pode ser um equalizador poderoso ou uma fonte de divisão, dependendo de como é implementada e de quem a controla. Como as revoluções tecnológicas anteriores, ela promete criar novas oportunidades de emprego e, ao mesmo tempo, ameaça deslocar os empregos existentes. Um relatório recente do Fundo Monetário Internacional ressalta esse ponto, alertando que a IA pode levar a uma divisão crescente entre indivíduos experientes em tecnologia, bem posicionados para colher os benefícios econômicos da inovação, e aqueles que correm o risco de ficar para trás.

Mas nossa compreensão dessas tecnologias deve refletir suas complexidades e o poder da engenhosidade humana. Ao desenvolver e promover sistemas de IA que melhorem de modo significativo os serviços essenciais, especialmente em regiões carentes, podemos garantir que seus benefícios sejam compartilhados em grande escala. Para isso, as tecnologias de IA devem ser implantadas com o objetivo explícito de reduzir as desigualdades existentes.

Ao mesmo tempo, vale notar que há grandes chances da IA aumentar o excedente geral do consumidor, reduzindo os custos associados a determinados serviços. Para garantir que esses benefícios cheguem à maioria das pessoas, é necessária uma estratégia dupla: permitir que os indivíduos aproveitem esse valor localmente enquanto redistribuem os ganhos gerais para aqueles que não conseguem acessá-los.

Portanto, melhorar a acessibilidade da IA é viável e crítico. Para alavancar essas tecnologias para enfrentar problemas sociais urgentes, é crucial identificar áreas específicas em que a IA pode fazer uma diferença significativa, como saúde, educação, sustentabilidade ambiental e governança. Porém, definir as prioridades certas e implementar soluções tecnológicas requer um esforço conjunto. O conceito de IA para o bem deve ser integrado às estratégias das instituições de desenvolvimento e dos organismos multilaterais.

Mas primeiro, a conversa global sobre IA deve migrar do “uau” para “o quê” e “como”. É hora de se afastar do mero encantamento pela tecnologia emergente para identificar os desafios que ela pode enfrentar e elaborar estratégias para sua integração nos sistemas educacionais e sociais de países desenvolvidos e em desenvolvimento. Preparar a sociedade para um futuro com IA aumentada requer mais do que mera inovação tecnológica; exige estabelecer estruturas éticas, atualizar a formulação de políticas e promover a alfabetização em IA em todas as comunidades.

À medida que navegamos pela fase Stupor Mundi da IA, cativados por suas capacidades aparentemente mágicas, nunca devemos perder de vista o fato de que o impacto da tecnologia depende de como a usamos. As escolhas que fazemos hoje determinarão se a IA beneficia e enriquece alguns poucos ou se evolui para uma força poderosa para uma mudança social positiva. Para cumprir a promessa de Salvator Mundi, devemos aproveitar essas tecnologias emergentes para forjar um futuro melhor e mais inclusivo para todos. **(Tradução por Fabrício Calado Moreira)**

**Bertrand Badré, ex-diretor administrativo do Banco Mundial, é CEO e fundador da Blue Like an Orange Sustainable Capital e autor de “Can Finance Save the World?” Charles Gorintin, cofundador e diretor de tecnologia da Alan, é cofundador não-executivo da Mistral AI. Direitos Autorais: Project Syndicate, 2024. [www.project-syndicate.org](http://www.project-syndicate.org)**